



Boletim

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Nº 1.263 - Ano 26 - 02.02.2000



Foto: Laboar

Pesquisa comprova contaminação dos peixes da Pampulha

Estudo coordenado pelo professor Ricardo Motta Pinto Coelho, do departamento de Biologia Geral do ICB, revela que nem só os aguapés e o lixo ameaçam o equilíbrio do ecossistema da lagoa da Pampulha. Seus peixes apresentam elevados níveis de contaminação por metais pesados, em especial o chumbo, pondo em risco a saúde daqueles que se alimentam do pescado da lagoa. Isso, no entanto, não assusta os cerca de 300 pescadores que freqüentam suas margens, como Remildo Ricardo Felipeto (foto).

Página 5

Comunidade acadêmica terá cursos de TV

O projeto *UFMG Virtual* está recebendo novos equipamentos de vídeo e TV. Trata-se de uma câmera *Sony*, de uma ilha de edição não-linear *Matrox* e de um aparelho de captação de áudio. Os novos equipamentos custaram R\$ 129 mil e serão usados em cursos que ensinarão técnicas televisivas a professores, estudantes e funcionários da Universidade.

Página 4

Brasileiro não toma remédio na dose certa

Página 6

Contaminação ameaça peixes da Pampulha

Equipe do ICB identificou elevados níveis de chumbo no pescado da lagoa

Ana Carolina Fleury

Assoreada, suja e sufocada pelos aguapés, a lagoa da Pampulha também sofre com a mortandade e a contaminação de seus peixes. É o que revela o estudo *Biomonitoramento do Reservatório da Pampulha*, realizado pelo Departamento de Biologia Geral do ICB. Desenvolvido por alunos do curso de Ciências Biológicas dentro da disciplina *Ecologia Energética*, a pesquisa identificou elevados níveis de contaminação da lagoa por metais pesados e realizou amplo levantamento sobre as atividades dos cerca de 300 pescadores que atuam diariamente às suas margens.

Coordenada pelo professor Ricardo Motta Pinto Coelho, chefe do departamento, a equipe encontrou grandes quantidades de chumbo no fígado e no filé dos mais de 1.200 peixes analisados. Resultado da produção industrial, o metal exerce efeito cumulativo quando ingerido, sendo que, no homem, aloja-se nos tecidos, provocando, entre outros males, intoxicação e deficiências no tecido nervoso. A análise dos sedimentos retirados nas proximidades do Museu da Pampulha constatou, por exemplo, que os níveis de chumbo variam de 55 a 64 ppm (partes por milhão). "Em lagos canadenses, um índice acima de 10 ppm

de chumbo já é considerado crítico", compara o professor Ricardo Motta.

Perfil

A equipe do professor Motta entrevistou 140 pescadores entre os meses de setembro e novembro de 1999. Quase 80% dos entrevistados declararam que pescam apenas para consumo próprio, enquanto 19% doam os peixes a terceiros. Apenas 2% revelaram vender o que pegam na lagoa. O mais estarrecedor é que 74% deles acreditam que os peixes não estão contaminados, apesar de cerca de 80% acharem que a lagoa está poluída. Muitos frequentam suas margens há décadas, tirando dali a sua própria subsistência. Entre os pescadores, 31% são aposentados e 11%, desempregados.

O desequilíbrio ecológico também atinge os peixes da lagoa da Pampulha. Todos os 1212 peixes medidos e pesados eram tilápias, reflexo do povoamento inadequado feito na década de 80 pela antiga Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (Sudep). A tilápia, explica o professor Ricardo Motta, alimenta-se da desova dos outros peixes, além de beneficiar-se do ambiente da lagoa, caracterizado pelo pouco oxigênio e abundância de nutrientes. "Por isso, peixes como pirambebas, dourados, traíras, cascudos e bagres, que expressavam a variedade e o equilíbrio no reservatório, foram desaparecendo", explica o professor.



Foca Lábrea

Olavo Gomes: lagoa da Pampulha é ganha-pão

Pescadores ignoram riscos

"Se estiver contaminado, é sinal que apenas vou morrer mais rápido. Estou no fim da vida mesmo". Aos 62 anos, Remildo Ricardo Felipeto, que já trabalhou como motorista, pintor e fotógrafo, não se assusta com o fato de os peixes da lagoa da Pampulha estarem contaminados. "E o que não está contaminado nos dias de hoje?", pergunta em tom provocativo.

Sua opinião não é isolada. A maioria dos pescadores da Pampulha não acredita – ou não dá ouvidos – nos relatos sobre a contaminação dos peixes que vivem no reservatório. "Aqui quem morre são os bêbados que caem na lagoa. Com quem come os peixes não acontece nada", assegura o servente de pedreiro desempregado Jonas Ferreira dos Santos.

Pescador profissional, o aposentado Olavo Gomes de Carvalho, 64 anos, costuma fazer um teste quando alguém suspeita que seus peixes estejam contaminados: "Ponho na frigideira, frito e como. Nunca tive problema". Diferentemente da maioria dos pescadores, que pescam por *hobby* ou apenas para consumo próprio, Olavo Gomes faz da lagoa o seu ganha-pão. Morador do bairro Nova Contagem, um dos mais miseráveis de Contagem, ele passa 12 horas por dia às margens da lagoa, onde pesca de seis a sete quilos. Dividindo sua atenção entre sete varas de pesca, Olavo vende quase tudo que captura para complementar a renda mensal de um salário mínimo de sua aposentadoria. "Tiro de R\$ 30,00 a R\$ 40,00 por semana vendendo os peixes em bares e na porta de casa", revela o pescador.